

Escola e Cordel: tecendo saberes entre "Cantos", versos e rimas

School and Cordel: making knowledge between "Chants"¹, verses and rhymes

Gilvan dos Santos Sousa²
Denise Aparecida Barreto Brito³
Cláudio Pinto Nunes⁴

Resumo: O presente artigo problematizou e analisou o uso da Literatura de Cordel como instrumento didático/metodológico para incentivar o interesse dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) pela escola e pela leitura. Esta pesquisa foi realizada em uma turma de 9º ano (Módulo IV), da escola municipal Tobias Barreto, localizada no município de Vitória da Conquista-BA, em 2018, a partir do trabalho pedagógico desenvolvido com as disciplinas Geografia e Ciências. Desta forma, os sujeitos que fizeram parte desta pesquisa, docentes e discentes, pertencem a essa escola e município. Para tal realização foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, por meio da pesquisa-ação que intencionou uma reflexão sistemática e a compreensão da realidade em estudo. Utilizamos como técnicas para coleta de dados a observação, o questionário e a aplicação de Sequência Didática. Os autores que fundamentaram este estudo foram: Freire (1987), Silva (2010), Barroso (2006), Galvão (2005), Schneuwly e Dolz (2004). O resultado nos apontaram a fragilidade das propostas pedagógicas, conforme afirmaram os docentes e discentes, os quais destacaram que estas se distanciam de suas realidades. Estes sujeitos também assinalaram para uma possibilidade metodológica de incentivo e valorização para a leitura e que não são percebidas e ou valorizadas pelo nosso sistema educacional.

Palavras – chave: Educação de Jovens e Adultos; Letramento; Literatura de Cordel.

¹ The word Chants is between quotation marks because we wanted to create a double sense. In Portuguese we have the same word for Corners and Chants and since we are talking about Art and Geography, that works.

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), professor da rede municipal de Educação de Vitória da Conquista/Bahia. E-mail: gilvesb@hotmail.com.

³ Pós-doutora em Educação pela Universidade de Coimbra (UC), doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UESB. E-mail: deniseabrito@gmail.com.

⁴ Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UESB, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Didática, Formação e Trabalho Docente (DIFORT/CNPq). E-mail: claudionunesba@hotmail.com

Abstract: The present article problematized and analyzed the use of Cordel Literature as a didactic / methodological instrument to stimulate the interest of Youth and Adult Education (EJA) students for school and literature. This research was carried out in a 9th grade class (Module IV), from Tobias Barreto municipal school, located in Vitória da Conquista-BA, in 2018, from the pedagogical work developed with the Geography and Science subjects. Thus, the subjects who were part of this research, teachers and students, belong to this school and municipality. For such accomplishment, a qualitative exploratory research was developed, through action research that intended a systematic reflection and the comprehension of the reality under study. We used as techniques for data collection the observation, the questionnaire and the application of Didactic Sequence. The authors who supported this study were: Freire (1987), Silva (2010), Barroso (2006), Galvão (2005), Schneuwly and Dolz (2004). The result pointed us to the fragility of the pedagogical proposals, as stated by the teachers and students, who pointed out that they are far from their realities. These subjects also pointed to a methodological possibility of incentive and valorization for reading that are not perceived and or valued by our educational system.

Keywords: Youth and Adult Education; Literacy; Literature of twine.

Introdução

Já estamos no século XXI e ainda é estarrecedora a quantidade de pessoas que ao ler um texto não entendem o seu enunciado ou o seu sentido. Acreditamos que isso seja também responsabilidade dos poderes públicos que por muito tempo reduziram a educação à decodificação de sinais, sem a apreensão de conteúdos considerados relevantes para os educandos, o que contribui de forma considerável para a evasão, além de produzir cada vez mais um exército de analfabetos funcionais. Para Freire (1987, p.80), “Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Vimos que a Educação de Jovens e Adultos - EJA passou por vários conflitos políticos e ideológicos até ser reconhecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9.394/ 96 como modalidade de educação, e ser assegurada no artigo 2º da referida Lei. Entretanto, ainda enfrenta alguns problemas, a exemplo da inadequação dos materiais didáticos utilizados por nossos educadores.

Presumimos que essa inadequação dos recursos didáticos/pedagógicos configura-se como um grande problema pois, muitas vezes, tomaremos como exemplo o livro didático que apresenta conteúdos distante da realidade do público atendido nas salas de jovens e adultos, desconsiderando os saberes apreendidos fora dos espaços formais de ensino, evidenciando a existência de uma barreira construída ao longo da história entre os saberes populares e os científicos. A respeito do livro didático, Bittencourt (2004, p.01) descreve que:

[...] ora é visto como um produto cultural, ora como mercadoria ligada ao mercado editorial e, como tal, sujeito à lógica do sistema capitalista; outras vezes é visto como suporte de conhecimentos e de métodos das várias

disciplinas curriculares e, sobretudo, como veículo de valores ideológicos ou culturais.

Não queremos nem podemos afirmar que só o uso dos livros didáticos, ou o não uso, seja suficiente para determinar o sucesso na/da formação cidadã dos educandos, bem como prepará-los para uma atuação consciente nos espaços onde estão inseridos, ainda porque acreditamos que esse preparo perpassa por uma série de fatores, como a sua condição socioeconômica, o currículo adotado na escola, a formação do profissional docente e, por fim, a concepção de sujeitos que queremos formar.

Ao considerar que a sala de aula da EJA é marcada pela heterogeneidade, acreditamos ser necessário desconsiderar o livro didático como única opção. Para tal, vemos necessidade de pensarmos alternativas que facilitem a conexão entre os saberes preexistentes do discente com os conhecimentos historicamente determinados nos currículos educacionais. Silva (2010) afirma que

[...] a escola precisa abrir espaço para as mais diversas culturas. Atrelado a essa questão, estamos inseridos na era da informação e do conhecimento, a sociedade não permite mais leituras que ocasionem uma única interpretação, como também leitores de livros, apenas. Sendo assim, é necessário que o aluno seja capaz de refletir sobre diversos ângulos e, conseqüentemente, compreender múltiplas linguagens. Por esses motivos, defendemos o uso da Literatura de Cordel como suporte didático nas práticas de leituras, o que levará o aluno a vivenciar múltiplos contextos e linguagens (p. 74-75).

Reiteramos que a maioria dos poetas e cantadores cordelistas não tiveram acesso ao letramento disponibilizado pelo sistema educacional e acadêmico, todavia, a forma sócio comunicativa que eles faziam dos cordéis oportunizavam entendimento claro dos temas abordados. Em vista disso, arriscamos afirmar que o trabalho desenvolvido com a literatura aqui descrita, a partir da concepção sociointeracionista contribuirá para valorização do potencial dos educandos, seja criança ou adulto, poderá tornar as aulas mais dinâmicas, oportunizando uma aquisição agradável e contextualizada das habilidades e competências exigidas pelo sistema, mas voltada a uma formação cidadã e humanizada.

A proposta é que os educadores procurem desenvolver ações pedagógicas que propiciem a leitura do mundo do(a) educando(a) e que busquem possibilidades de trabalhar com as situações significativas a partir do contexto socioeconômico dos sujeitos envolvidos, tendo como base o contexto no qual estão inseridos, levando-os a refletirem sobre seu papel, enquanto protagonistas de suas histórias. Freire (2002, p.48) afirma que “Isto significa que a sua tarefa fundamental é a de serem sujeitos e não objetos de transformação, tarefa que lhes exige, durante sua ação sobre a realidade, um aprofundamento da sua tomada de consciência da realidade”.

Freire nos faz entender a importância de perceber a educação como uma via de construção de novas perspectivas de mundo, de lutas mais amplas, de uma sociedade menos segregacional; e com Silva (2010), advogamos a favor do uso da literatura de cordel nas turmas de EJA como alternativa de interação

entre os saberes dos sujeitos aprendizes e o conhecimento transmitido no espaço escolar, acreditando que a sua linguagem simples, além de favorecer a aproximação com a sua realidade, contribuirá para o processo de um letramento significativo e prazeroso.

Literatura de cordel e Educação de Jovens e Adultos: o gênero pede permissão

A Região Nordeste é um grande celeiro de diversas manifestações culturais como samba de roda, maculelê, samba de crioula, entre outras formas culturais, e, de um modo específico, a Literatura de Cordel. De acordo com alguns estudiosos, a exemplo de Barroso (2006) e Galvão (2002), a Literatura de Cordel teve origem nos romances portugueses, sendo iniciada de forma oral, passando depois pela escrita, momento em que recebeu o nome de folheto.

A Literatura de Cordel era vendida, inicialmente, como “folhas soltas”, motivo pelo qual fez com que conseguisse espaço amplo de disseminação. Por intermédio de Leandro Gomes de Barros, um poeta nascido em Pombal, este gênero ganhou relevância. Este poeta foi o primeiro a editar e comercializar, no final do século XIX, o folheto na forma tal como temos atualmente. Por isso, é considerado o patriarca da Literatura de Cordel (Xavier, 2005).

Ainda são poucos os estudos publicados, cujos autores se dedicaram a pesquisar sobre a Literatura de Cordel como ferramenta do processo ensino/aprendizagem, na perspectiva de contribuir para o aprimoramento da leitura e interpretação de textos e contribuir para que os estudantes da EJA vejam a escola como local prazeroso. Ao pensarmos pelo viés da interdisciplinaridade essa escassez de trabalhos torna-se bem maior. Nesse sentido, podemos encontrar alguns estudos sobre as formas de manifestações do cordel como folhetos, jornais e mídias em Galvão (2005) e Viana (2009); e sobre a estrutura do cordel Diégues (1977) e Meyer (1980), dentre outros. A escassez de estudos sobre Literatura de Cordel talvez explique esse gênero se constituir como uma perspectiva pedagógica da EJA ainda pouco trabalhada. Acreditamos que ao desenvolver atividades tendo a Literatura de Cordel como recurso didático, com educandos de EJA em escolas do município de Vitória da Conquista, fossem evidenciados elementos que pudessem contribuir com a teoria e a prática pedagógica para uma aprendizagem mais significativa a partir da visão freireana, de forma que os educandos possam ampliar seus olhares a respeito das realidades social e política que contribuem de forma acirrada para o processo de exclusão e privação dos seus direitos, uma permuta crítica entre o sujeito aprendiz e o objeto a ser conhecido (Freire, 1987). Em consenso com o pensamento freireano, Ausubel (2000) descreve como aprendizagem a relação presente entre os novos conteúdos, conceitos e os saberes previamente formados no percurso vivencial dos sujeitos.

Discutimos a Literatura de Cordel enquanto recurso Pedagógico a partir da concepção de Marinho (2012) que afirma que a literatura em realce pode contribuir para o processo de construção do conhecimento. Acreditamos que a referida literatura, sendo uma manifestação cultural e artística brasileira, de um modo bastante específico faz parte do relicário nordestino. Ao ser utilizada no espaço educativo e ao se tornar um instrumento pedagógico a Literatura de

Cordel pode facilitar o processo de ensino – seus temas muito se aproximam do cotidiano dos sujeitos presentes na sala de aula. Esta proximidade pode facilitar reflexões críticas sobre experiências vividas e conhecimento formal, contribuir no processo de formação de leitores proficientes, por fim, proporcionar diálogo entre a vida e o processo ensino-aprendizagem.

Por interagir com as práticas cotidianas a Literatura de Cordel é um gênero dinâmico e um espaço interdiscursivo que contribui para a construção de leitores. Desse modo, cremos que sua versatilidade pode despertar o interesse dos professores envolvidos na pesquisa para a realização de estudos com esta Literatura, utilizando as vivências e as trocas de experiências dos saberes advindos dos discentes.

É com base nessas especificidades que se justifica a importância de pesquisar formas de valorização que respeitem as peculiaridades desses alunos. Entendemos que a Literatura de Cordel se insere nesse contexto por propiciar a expressão da cultura popular mediante as variedades linguísticas que podem ser trabalhadas de maneira interdisciplinar, consistindo em um recurso de representação da realidade de forma a ampliar o alcance das práticas de letramento.

Ressaltamos que o letramento é aqui entendido na perspectiva de Tfouni (1995, p. 20), ou seja, “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade”. Partindo desse pressuposto e acreditando que todas as pessoas possuem seu próprio saber, elaborado a partir do seu histórico de vida, experiências, relações sociais e seus mecanismos de sobrevivência, torna-se imprescindível que sua vida e suas visões de mundo sejam valorizadas em sala de aula.

Sabemos que a sala de aula se torna um rico espaço de construção do conhecimento na medida em que tomamos como ponto de partida as vivências do educando e a sua forma de ver o mundo. Com base nisto, ratificamos que a forma literária aqui defendida mantém seus escritores muito próximos de seus leitores, proporcionando uma relação dialógica, leitor/escritor, pela maneira como os interesses são abordados. Assim, vemos a importância da Literatura de Cordel não só como expressão literária, mas, também, sob o aspecto discursivo com base na perspectiva Bakhtiniana segundo a qual “cada leitor ao interpretar, o faz a partir do seu horizonte sócio ideológico e discursivo” (Bakhtin, 1992, p. 23).

Ainda, segundo Bakhtin (2000, p. 56),

Toda atividade humana, independente da esfera, estará relacionada à utilização da língua que será aplicada sob forma de enunciados orais ou escritos, que refletirão as finalidades e condições específicas de cada uma dessas esferas e o todo anunciado será a fusão de três elementos: estilo, construção composicional e conteúdo temático.

De acordo com o referido autor, podemos inferir que falamos e escrevemos (nos comunicamos) por meio de gêneros, que por sua vez estão no dia a dia dos indivíduos, inclusive nas conversas informais, ou seja, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Essa valorização da linguagem também se encontra no estudo do contexto sócio-histórico-cultural proposto por Vygotsky

(2007), o qual, no estudo sobre a Literatura de Cordel, que valoriza a cultura popular, torna-se muito importante como referência.

O contato dos educandos com a Literatura de Cordel pode ser um instrumento capaz de lhes proporcionar uma ampliação de sua capacidade de enxergar as diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais do nosso país. “[...] Seria propor uma forma de estimular aos alunos enxergarem o que há por trás das produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às outras vozes que ele traz consigo” (Alves, 2008, p. 6). Compreendemos que dentre seus vários objetivos a educação deve contribuir, também, para a formação cidadã, uma educação libertadora, associando a realidade a uma educação dialógica na qual esses sujeitos tomem consciência de sua condição existencial.

Por essas especificidades admitimos a necessidade de inserção de formas de valorização que oportunizem a esses sujeitos aprendizagens significativas. E a Literatura de Cordel desponta como mais uma probabilidade por possibilitar que a cultura popular, fazendo uso de suas variedades linguísticas possa ser revelada, de forma interdisciplinar e como recurso de manifestação da realidade de forma a ampliar o alcance das práticas de letramento.

Vozes da EJA que ressoam

As diversas funções que a Literatura de Cordel disponibiliza para o processo de ensino-aprendizagem nos fez escolher e utilizar esse gênero no espaço e turma selecionados. A Escola Municipal Tobias Barreto, localizada na Comunidade de Boqueirão, zona rural do município de Vitória da Conquista - BA, e os alunos de uma turma de 9º ano (Módulo IV) de uma escola pública de Educação de Jovens e Adultos – EJA foram o espaço, a turma e os sujeitos que fizeram parte desta pesquisa.

Cremos que problemas relacionados às dificuldades cognitivas ou mesmo emocionais dos educandos têm contribuído com o índice de evasão na EJA, e Vitória da Conquista tem sido afetada com este problema. Acreditamos que a Literatura de Cordel surge, nesse momento, como possibilidade de melhorar esse índice, já que o trabalho com esse gênero oferece condições de reconhecimento e valorização de identidade dos educandos.

Considerando que nosso objetivo é a participação ativa de nossos colaboradores, nesse processo de investigação, optamos pela pesquisa-ação como forma de intervenção, a qual na concepção de Kemmis e Mc Taggart (1988, p. 248) é “[...] uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais.”; e a abordagem qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar as questões relacionadas à escola.

Como podemos observar a referida pesquisa se pauta na valorização mútua dos envolvidos, tanto pesquisador quanto pesquisado, onde o primeiro apenas observa e o segundo é observado, mas ambos se identificam mutuamente como sujeitos de um processo social. Os dois visam uma prática emancipatória

pautada na reflexão crítica das ações que podem refletir dentro e fora do espaço escolar, objetivando a construção de novos saberes, em síntese, uma pesquisa para a educação e não sobre a educação, como declara Bastos (1995).

Com relação as técnicas optamos por utilizar a observação, o questionário e a Sequência Didática. De acordo Lüdke (1986, p. 1) “para se realizar uma pesquisa, é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a seu respeito”. Para realizar essa pesquisa pensamos e cumprimos as seguintes etapas: 1ª) Reunião com os discentes e docentes com a intenção de explicar o objetivo da nossa pesquisa; 2ª) Aplicação de questionários para 2 (dois) docentes e 5 (cinco) discentes; 3ª) Aplicação da Sequência Didática para os discentes como atividade de intervenção; 4ª) Encontro com os docentes e discentes para avaliar os resultados da atividade de intervenção; 5ª) Análise dos resultados da pesquisa.

O primeiro momento aponta para as observações realizadas durante 4 (quatro) semanas, nas aulas das disciplinas Ciências e Geografia, respectivamente, para compreender o perfil dos sujeitos envolvidos que de acordo com Gil (1999) constitui elemento fundamental para a pesquisa e, também, a interação e o trabalho didáticos entre educandos e educadores. Posteriormente, foram aplicados dois questionários para os dois docentes e os cinco discentes (escolhidos por adesão), com perguntas abertas e múltipla escolha, para ambos. O questionário é um instrumento necessário quando nos possibilita respostas para a problemática abordada. Gil (Idem, p. 128), afirma que o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, entre outras”.

Para preservar a identidade dos sujeitos que fizeram parte desta pesquisa omitimos os seus nomes verdadeiros e os demos nomes de representantes do cangaço. Cangaço, conforme Melo (2004) é um movimento que surgiu na região Nordeste do Brasil entre os séculos XIX e XX, no qual os grupos nômades armados andavam sempre em bandos. O referido termo precede de canga, objeto usado no pescoço do gado.

Nomeamos Rouxinol (46 anos, graduado em Geografia e atuante há 25 anos nesta mesma disciplina) e Zefinha (38 anos; graduada em Ciências e há oito anos lecionando esta disciplina) para os professores de Geografia e Ciências, respectivamente. E os discentes: Verônica (42 anos, trabalhadora rural); Chico Caixão (22 anos, vaqueiro); Jaçanã (52 anos, lavrador e pensionista do INSS); Gato (27 anos, pedreiro autônomo); Noca (29 anos, doméstica); Nenê (29 anos, lavradora). Este público representa de fato a diversidade e as identidades da EJA, cuja configuração descrita pela Secretaria de Tecnologia e Educação do Ministério da Educação - SETEC- MEC destaca:

A EJA, em síntese, trabalha com sujeitos marginais ao sistema, com atributos sempre acentuados em consequência de alguns fatores adicionais como raça/etnia, cor, gênero, entre outros. Negros, quilombolas, mulheres, indígenas, camponeses, ribeirinhos, pescadores, jovens, idosos, subempregados, desempregados, trabalhadores informais são emblemáticos representantes das múltiplas apartações que a sociedade brasileira, excludente, promove para

grande parte da população desfavorecida econômica, social e culturalmente. (Brasil, 2007, p. 11).

Deduzimos, assim, que os sujeitos da educação de jovens e adultos requerem um certo cuidado, no que tange ao planejamento escolar e as práticas educativas desenvolvidas no espaço educativo e, na maioria das vezes, os professores dessa modalidade persistem em trabalhar sem atentar-se a essas peculiaridades.

A opção pela realização da pesquisa-ação, que tem como propósito alcançar os objetivos propostos inicialmente, e traz na sua essência a intervenção nos orientou para a terceira etapa - o momento de ação-reflexão-ação da pesquisa-ação -, que aconteceu com a aplicação de Sequências Didáticas – SD das disciplinas: Geografia e Ciências. Schneuwly e Dolz (2004) afirmam que a Sequência Didática [...] se constitui uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores.

Temos de considerar todos os aspectos que envolvem os sujeitos da EJA: no seu cotidiano, considerando seus estilos de vida, suas culturas e uma linguagem acessível, próxima de suas vivências. Tendo em vista que o público atendido pela EJA se configura por suas características específicas, torna-se imprescindível pensar “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (Paulino; Cosson, 2009, p. 67).

Compreendendo que esse educando, em específico, traz identidades e realidades distintas, destacamos a necessidade de se desenvolver práticas educativas que atendam a tais especificidades, cuja premissa seja a dialética freireana, de forma que os saberes vão além dos textos escolares, respeitando os saberes dos educandos. Freire (2002, p.42), ao discorrer sobre a importância desse aspecto afirma que

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros ensaiam a experiência de assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador.

Não podemos negar que o espaço escolar, independente do público atendido, é marcado por culturas, conhecimentos, vivências, enfim, por um universo de múltiplas realidades, e, na maioria das vezes, os professores não valorizam essa riqueza de pensamentos e os pensadores, suas realidades e anseios, que acabam tornando a escola estranha aos sujeitos que nela ingressam, na busca da apreensão da instrução formal. Conforme Santos (2008, p. 47), “conhecer as circunstâncias e condições particulares em que se produz o conhecimento é fundamental para poder aferir a diferença que esse conhecimento faz”.

Os cadernos desenvolvidos pelo Ministério da Educação (MEC) apresentam orientações pedagógicas onde reconhecem que “O papel do (a) educador (a) de EJA é determinante para evitar situações de novo fracasso escolar. Um caminho seguro para diminuir esses sentimentos de insegurança é valorizar os saberes que os estudantes trazem para a sala de aula (Brasil, 2001, p.18-19).

Levando em consideração que a Literatura de Cordel versa sobre temas diversos, a exemplo de fatos folclóricos, lendários, ou mesmo acontecimentos reais, e com uma linguagem próxima de nossos educandos, torna-se um recurso que além de valorizar os saberes dos sujeitos envolvidos pode contribuir para o processo de aquisição de uma instrução canonicamente sistematizada, despertar o gosto pelas manifestações artísticas e literárias, ademais, a presença da linguagem não verbal nas xilogravuras⁵, de um modo geral, podem amenizar as carências presentes no cotidiano da EJA.

Assim, o ato de aprender transpõe a decodificação ou reconhecimento dos textos, permitindo ao professor reconhecer os sentidos amplos da produção e interpretação da leitura, superando o simples significado das palavras, elegendo a linguagem como o lugar privilegiado da construção/constituição da subjetividade.

Por essa razão, observando a literatura como uma prática social e sabendo da dificuldade dos discentes que fizeram parte desta pesquisa, no que se refere à leitura proficiente, cremos que na condição de educadores devemos buscar estratégias que visem sanar essa deficiência. Para tanto, pensamos atividades que promovessem uma articulação entre a pluralidade cultural com a diversidade linguística que permeia nosso sistema oral e literário por acreditarmos ser importante [...] levar a literatura de cordel para sala de aula não apenas como pretexto para estudar outras disciplinas, mas pelo seu valor estético, sua dimensão lúdica, seu apelo social e tantas marcas desta modalidade da cultura popular (Pinheiro, 2008, p. 16). Notamos que este autor vem propor um trabalho com a literatura de cordel de forma que essa dialogue com outras obras, propiciando a exploração de diversas expressões e percepções, com a evidente necessidade de se reconciliar a ciência com as verdadeiras necessidades humanas, que implica na consideração do todo que envolve as complexas dimensões que o humano exige, tanto em termos subjetivos, como coletivos. E para além dos objetivos foi-se adubando àquele que seria o terreno fértil para uma nova maneira de lidar com o conhecimento, uma perspectiva integradora que religasse e reconciliasse as partes bastante especializadas, mas há tempos fragmentadas, há tempos vazios de sentido, há tempos vazios de humano. Esse cenário aparentemente árido e inadequado mostrou-se apropriado para o renascimento de uma antiga mas nova perspectiva: a Interdisciplinaridade.

Sob esse viés buscamos pensar a partir da interdisciplinaridade - aspecto que reconcilia a ciência com as verdadeiras necessidades humanas que também implica em considerar o todo que envolve as complexas dimensões exigidas pelo homem, tanto subjetivamente quanto objetivamente -, com a finalidade de promover uma relação sociocultural e comunicativa entre os sujeitos pesquisados com a comunidade onde estão inseridos. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em vigor no Brasil, destaca o trabalho pedagógico interdisciplinar como direito de aprendizagem, como pode se verificar:

⁵ Técnica ou arte de fazer gravuras em madeira, talhadas em relevo, pintadas para reprodução em papel ou em outro suporte.

Art. 4 - 2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas; (BRASIL, 2017)

Desta forma, nossa proposta foi organizada pensando a contextualização e a interdisciplinaridade a partir das especificidades das disciplinas Ciências e Geografia, e a ênfase para o conhecimento prévio dos discentes, fazendo a relação entre o conhecimento científico escolar dos sujeitos e seus históricos de vida. Nessa perspectiva, o trabalho pedagógico vai além do ensino da escrita e da leitura, tornando-se um mediador entre o ensino formal e a cultura incorporada ao logo da história de vida de cada sujeito.

Depois que definimos as disciplinas elaboramos um plano de ação tendo como subsídios dois textos para subvencionar a interdisciplinaridade como um eixo integrador, que de acordo com os PCN “pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção (Brasil, 2002, p. 88-89).

Compreedemos que além de identificar e decodificar os sinais da língua *mater*, o processo de cognição perpassa também pelo entrelace de saberes, por isso consideramos relevante utilizar os textos de cordel como conexão em todas as atividades desenvolvidas, visando a interdisciplinaridade entre os textos escolhidos com outras formas de linguagem, reconhecendo que “cada disciplina deve ser analisada não apenas no lugar que ocupa ou ocuparia na grade, mas nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram, próprios de seu lócus de cientificidade (Fazenda, 2015, p. 2). Assim, os textos por nós escolhidos para fazer a atividade interdisciplinar de intervenção em Geografia e Ciências foram: “*Parabéns, Conquista!!!*” de autoria de Ivan Lemos; e *Cordel ecológico*, de autoria desconhecida.

Nesse caminho organizamos nossa proposta pautada na contextualização e na interdisciplinaridade, agregando as especificidades de cada disciplina com destaque para o conhecimento prévio dos educandos, traçando relação entre o conhecimento científico escolar dos sujeitos e os seus históricos de vida.

Da ciência da escola à “ciência” do Cordel

Inicialmente, conversamos com os sujeitos da pesquisa sobre a proposta de trabalho que desenvolveríamos nos dias seguintes e pedimos a sua colaboração naqueles momentos. Questionamos aos docentes sobre o seu conhecimento a respeito de literatura de cordel, e as suas respostas sinalizam para uma ideia vaga sobre o gênero em questão e nos informaram que nunca trabalharam com Literatura de Cordel.

Dentre os discentes Verônica, Jaçanã e Nenê disseram que já conheciam e tinham lido. Inclusive Verônica afirmou ter alguns em sua casa; Gato, Noca e Chico Caixão afirmaram só terem ouvido falar, mas que não conheciam. Dessa forma, consideramos relevante dialogar sobre a cultura popular para despertar o interesse desses sujeitos pelos elementos presentes nas

tradições do povo nordestino, além de apresentar a importância dos nossos conhecimentos culturais ancestrais como folcloristas, cordelistas e brincantes que fazem parte do mundo artístico e cultural da região Nordeste.

Na perspectiva da proposta interdisciplinar iniciamos a leitura do poema “Cordel ecológico”, para trabalharmos com a disciplina Ciências pelo viés da educação ambiental, buscando sensibilizar os discentes para a consciência ecológica, utilizando, a partir do texto citado, debates com questões voltadas ao meio ambiente: a) dialogar sobre fatores naturais e culturais que alteram esses espaços; b) apontar as mudanças ocorridas na natureza, devido à degradação ambiental, dos tipos de lixo descartados, seus malefícios e tempo que levam para se decompor e, por fim, c) discutir como o desenvolvimento comercial e industrial influenciam o Meio Ambiente.

Dias (2004) descreve que a expressão educação ambiental surge em meados de 1970, período em que essa questão passa de fato a ocupar lugar de proeminência nas preocupações da sociedade, de um modo geral, inclusive, nas escolas. A partir de então, alguns eventos são pensados visando conscientizar e sensibilizar as pessoas para uma consciência ecologicamente correta. Dentre essas ações destacamos: a Conferência Rio-92, a Agenda 21, a Conferência de Estocolmo em 1972, dentre outros eventos voltados a essa questão aqui evidenciada, cujo objetivo era garantir a sustentabilidade do planeta terra, bem como a qualidade de vida dos seres que nela vivem. E a escola, qual o seu papel diante dessas questões?

De acordo com os PCN,

[...] a questão ambiental impõe às sociedades a busca de novas formas de pensar e agir, individual e coletivamente, de novos caminhos e modelos de produção de bens, para suprir necessidades humanas, e relações sociais que não perpetuem tantas desigualdades e exclusão social, e, ao mesmo tempo, que garantam a sustentabilidade ecológica. Isso implica um novo universo de valores no qual a educação tem um importante papel a desempenhar (Brasil, 1997, p.180).

A leitura da assertiva acima nos permite perceber como a educação ambiental deve permear, também, o espaço educacional. Ainda que geralmente observamos essas discussões nas disciplinas de Ciências ou Educação Ambiental, defendemos que ela deve ser pensada de forma interdisciplinar, onde a equipe gestora e demais profissionais que atuam na educação busquem alternativas que permitam aos discentes refletirem de forma mais ampla sobre a necessidade de se pensar qual planeta queremos e o que podemos fazer para atingir o objetivo almejado, na busca de um mundo sustentavelmente melhor. Para tanto, deve-se perseguir a meta do equilíbrio entre a natureza e os seres humanos que dela dependem para sobreviver.

Sob a ótica de Fazenda (2002), entendemos que o trabalho pedagógico pensado de forma interdisciplinar promove uma articulação e uma relação dialógica entre os saberes diversos, presentes no espaço escolar, e as abordagens específicas de cada disciplina escolar. Acreditamos, também, que essa prática pode colaborar para a construção de conhecimentos significativos para os discentes, bem como para os outros agentes envolvidos, cientes que podemos

sempre aprender uns com os outros. Fazenda (2015, p. 2) vem corroborar com a discussão em foco ao apontar que “cada disciplina deve ser analisada não apenas no lugar que ocupa ou ocuparia na grade, mas nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram, próprios de seu lócus de cientificidade.

No intuito de esclarecer sobre essa questão, e após discutirmos sobre fatores naturais e culturais que alteram os espaços, questionamos aos discentes os seguintes pontos: As questões voltadas para a educação ambiental em sua escola são trabalhadas de forma interdisciplinar? Ou seja, envolve todas as disciplinas ou somente a professora de Ciências aborda essas questões?

Selecionamos as repostas abaixo por acreditarmos que elas, por sua vez, poderiam nos permitir traçar um perfil de como está sendo tratada a questão ambiental, pelo menos no espaço de nossa pesquisa.

Pelo menos o tempo que eu tô nessa escola, nunca vi outros professores, falando de meio ambiente, só a professora de Ciências que se, se não me engano, foi na sexta série, quando eu estudava de dia (Chico Caixão).

Na escola no ano passado, um projeto da televisão chamado *Lápis na mão*, que foi a professora de Português e o de Artes, Ciências, mas era de dia, igual ele falou (Nenê).

Quando eu estava a tarde, na outra escola, também, eu participei de um projeto chamado *Eco kids*. Nesse projeto, todos os professores trabalharam juntos, foi um trabalho legal, no fim teve um jornalzinho, com as fotos dos trabalhos dos alunos com os professores (Jaçanã).

Foi mesmo, quando teve o projeto *Eco kids*, os professores, todos falaram, mas foi só essa vez que a gente viu um projeto assim na noite. A gente até fez coisas com material reciclado (Noca).

Apresentamos na sequência algumas informações sobre os dois projetos mencionados por nossos colaboradores no intuito de facilitar a compreensão dos leitores. O Projeto *Eco Kids* e *Eco Teens* visam a criação e circulação de um informativo trimestral sobre meio ambiente, voltado e preparado por alunos das escolas de ensino fundamental, públicas e privadas, custeado por infratores ambientais em cumprimento de pena alternativa.

[...] Através do jornal *Eco Kids* e do *Eco Teens*, as escolas têm a oportunidade de sintetizar o trabalho de educação ambiental que desenvolveram, mostrando trabalhos feitos pelos próprios alunos, incluindo desenhos, redações, quadrinhos, etc. A escolha das matérias que serão publicadas exige o efetivo trabalho sobre o meio ambiente em sala de aula ou em ambiente externo, com um olhar crítico e ativo do aluno, que será o produtor dos textos ou desenhos (Brasil, s/d, p.1).

O projeto *Lápis na mão* é promovido pelas afiliadas da Rede Globo, no caso de Vitória da Conquista pela TV Sudoeste, surgido em 2009, e composto por três ações cujo objetivo é incentivar o envolvimento de professores e estudantes das redes pública e privada e da sociedade educacional

da região. As três ações são : Concurso de Desenho e Redação, Desafio Mãos da Esperança e Concurso Escola Cidadã.

A oportunidade de trabalhar com projetos permite a todos os envolvidos de se apropriarem dos saberes sistematizados em outras instâncias, ressignificando-os de forma a transformarem-se em instrumentos que os permitirão compreender e quem sabe mudar a realidade onde estão inseridos. Coadunamos com Vasconcellos (2006, p. 160) o qual disserta que os resultados desse entrelace de saberes pode tornar-se “fruto de uma aprendizagem coletiva, através da troca de experiências e de uma reflexão crítica e solidária sobre as diferentes práticas”.

Questionados sobre o interesse dos discentes na participação de projetos, Zefinha e Rouxinol confirmaram as expectativas deles com relação a toda novidade que surge. Os docentes afirmaram o interesse de todos em aprender para finalidades distintas. Alguns desejam alcançar outras possibilidades de emprego e outros apenas querem realizar o sonho de aprender a ler e a escrever, porém, todos sabem do poder dessa aprendizagem.

Rouxinol e Zefinha confirmaram o que todos nós já sabemos ser procedente: estagiários, pesquisadores etc., convivem alguns momentos com os alunos e planejam atividades para um prazo curto e, por essa razão, tudo se transforma em novidade para os discentes e eles gostam de tudo o que é aplicado. Todavia, lecionar no dia a dia pode não trazer tantas surpresas e cair um pouco na rotina. Natural, portanto, que eles gostem de tudo que se apresenta para eles em poucos momentos de encontro.

Ainda no intuito de entender o que os sujeitos da pesquisa pensavam a respeito do papel da escola no processo de conscientização do público, no que se refere a educação ambiental, questionamos: Você acredita que é possível o homem interferir no meio ambiente sem destruí-lo? E a escola pode contribuir para o processo de conscientização ambiental?

O educando de codinome Jaçanã respondeu:

Eu acredito que sim, porém, o homem deve usar a mentalidade pra entender que a natureza dá tudo que ele precisa, mas quando não é usada de forma certa, ela mesmo destrói os homens. Eu acredito também, que a escola de já deve ir pensando em preparar os alunos desde criança, falando da importância de se usar os recursos da natureza, de forma certa. No embalo que tá indo, nossos filhos, nossos netos, não terão condições de viver no planeta terra.

Enquanto Verônica disse que

Se Deus deu sabedoria para o homem controlar algumas coisas da natureza, deu também para ele entender que deve cuidar, se não acaba, e a escola é muito importante, porque se o menino aprende desde o primário que é importante, preservar o meio ambiente, quando estiver maior e precisar usar qualquer recurso, ela vai saber usar e preservará.

As declarações acima nos permitem refletir sobre a importância do papel da escola nesse processo de conscientização dos sujeitos na sua relação com o mundo, e o dever de preservá-lo. Para tanto, torna-se necessário desenvolver nas gerações futuras um pensamento sensível, de forma que elas

busquem usufruir dos bens naturais sem degradá-los, uma vivência equilibrada entre homem e natureza. No tocante ao papel da escola Dias (2004, p.21) assevera que ela deve ajudar o educando a

[...] perceber a correlação dos fatos e a ter uma visão integral do mundo em que vive. Para isso, a educação ambiental deve ser abordada de forma sistemática e transversal, em todos os níveis de ensino, assegurando a presença da dimensão ambiental de forma interdisciplinar nos currículos das diversas disciplinas e das atividades escolares.

Entendemos que a escola sozinha não terá condições de equacionar esses problemas, mas acreditamos que o seu envolvimento pode se tornar um fator determinante no processo de conscientização contra a ação destruidora do homem, pois julgamos que ao contribuir na construção da consciência dos discentes, desde as séries iniciais, a escola estará colaborando para futuros cidadãos responsáveis.

Como o nosso objetivo nessa pesquisa foi refletir a relevância da poesia de cordel como instrumento interdisciplinar de letramento em EJA, consideramos pertinente saber dos nossos colaboradores a sua opinião a respeito das atividades que desenvolvemos a partir da literatura em destaque. Para tanto, fizemos a seguinte pergunta: Tendo como referência os trabalhos que desenvolvemos, vocês acreditam que o uso de literatura de cordel e das narrativas, a partir a realidade dos educandos, pode contribuir para a aquisição de conhecimento?

A meu ver sim, porque a literatura de cordel faz parte das tradições do nosso povo, da nossa cultura, e do jeito que os poetas contam os acontecimentos, ou descrevendo alguma coisa, usando palavras que nós já conhecemos fica mais fácil de entender, porque tem horas que a gente lê um monte de coisa e não consegue entender nada, e isso vai deixando a gente triste, é por isso que muitos colegas saem da escola. Ele não aprende, perde a paciência e não volta mais (Gato).

Nunca tive uma aula igual essa. Adorei tudo que foi falado aqui. Já falei pro professor que quero mais aula assim. Fica mais fácil de entender os problemas. (Noca)

A gente aprende brincando. É impressionante! Seria bom se os outros professores também fizessem isso. A aula passou rápido. Uma pena. A gente entende tudo bem mais fácil. (Chico Caixão)

Outro ponto que consideramos relevante é que o discente adulto já tem uma leitura de mundo, logo se faz necessário que os assuntos desenvolvidos durante as aulas, sempre que possível, façam a conexão com experiências de sua vida ou, pelo menos, incite sua curiosidade. cremos que essas estratégias podem ser aliadas contra as dificuldades que têm permeado nossas salas de EJA, a considerar que “Tão importante quanto o cuidado para cumprir esse programa é a postura que pode ser adotada na abordagem de suas questões (Antunes, 2012, p.162).

As discussões que surgiram durante a aplicação das atividades nos permitiram perceber o quanto se faz necessário reintegrar as necessidades

humanas à sustentabilidade do meio ambiente e o quanto a escola é importante nesse processo, considerando que dependemos da natureza para sobrevivermos com qualidade de vida. Para tanto, faz-se necessário que as gerações futuras a utilizem de forma consciente e responsável, cabendo aos diversos segmentos da sociedade, inclusive a escola, a formação de agentes responsáveis de forma que a destruição exacerbada dê lugar a uma preservação consciente.

O meu “canto” e o Cordel (Geografia)

Mantendo sempre a perspectiva de valorização da identidade dos sujeitos pesquisados, procuramos elaborar algumas atividades a partir dos textos de literatura de cordel “Parabéns Conquista”, “Literatura de Cordel e Cordel ecológico” e “As coisas do meu lugar”.

Considerando que nossa pesquisa foi pensada em uma perspectiva de colaboração mútua, conforme prevê a pesquisa-ação, e entendendo que a inclusão do texto sugerido não atrapalharia a nossa proposta, acatamos a sugestão da educanda aqui alcunhada de Verônica acerca do poema de cordel “*As coisas do meu lugar*”, da poetisa cordelista Emanuele Vitória de Moraes. Talvez o motivo da referência ao poema se deva ao fato de o pesquisador já tê-lo apresentado em outra ocasião na escola que ele trabalhava anteriormente, e que Anjo Novo estudava.

Após a inclusão do terceiro texto e comparando suas familiaridades, passamos a discorrer sobre alguns conceitos trabalhados na disciplina Geografia - lugares, paisagem e região -, pedindo que os discentes observassem os detalhes comuns e diferentes das suas comunidades.

Com o objetivo de facilitar a compreensão, apresentamos alguns slides com fotos atuais e antigas de Vitória da Conquista, seus pontos históricos, artísticos e culturais. Para explanar sobre a localização geográfica desta cidade utilizamos três mapas: o da cidade, o da Bahia e o mapa do Brasil, ressaltando a importância que cada sujeito e comunidade tem dentro de uma nação como a nossa. Para concluir e iniciar as outras atividades exploramos algumas distinções de bairro, ruas, município, rural e urbano. Após a explanação, pedimos aos discentes para falarem um pouco sobre sua localidade a partir das definições e imagens, destacando questões referentes a estrutura como saneamento básico, luz, serviço de telefonia, dentre outros benefícios que eles considerassem interessante e sentissem necessidade de apontar.

Percebemos ainda uma grande dificuldade que nosso público tem em associar os estudos de Geografia à realidade de suas comunidades e acreditamos que essa dificuldade se deve ao fato de muitos educadores desconhecerem as características locais do espaço onde estão atuando.

Entendemos que o lugar é um conceito central e na medida em que ele é qualificado pela experiência humana, que lhe confere significados particulares, é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas (Buttimer, 1985, p. 228).

A partir dessas premissas cremos que as vivências e as peculiaridades de cada sujeito podem se constituir como uma fonte de conteúdo que podem servir de subsídios no processo de ensino-aprendizagem. Assim, a identidade acaba por fazer uma “ponte” entre o “interior” e o “exterior” (Hall, 2003, p. 11).

Vários fatores têm evidenciado que os elementos presentes no cotidiano de alguns grupos, como os da zona rural e periferias das cidades, têm sido excluídos ou ignorados nos planejamentos pedagógicos, garantindo a hegemonia de uma determinada classe sobre a outra, em que ancorado na determinação de que o conhecimento “universal”, que deveria ser estendido a todos, tem servido para escamotear o direito a uma educação contextualizada, que respeite os modos de convivência, de pensamento e de produção dos diferentes povos (Brasil, 2001).

Percebemos no desenvolvimento dessa pesquisa o quanto é importante para os educandos saberem que o educador se preocupa com determinados detalhes ligados a sua realidade, por exemplo: como aprendem, como vivem, quem são, quais seus anseios; enfim, dar voz a esses sujeitos para que se tornem protagonistas de suas próprias histórias. Nessa perspectiva, a escola tornar-se-á um lugar de trocas de experiências e não apenas transmissora de conteúdo, muitas vezes desvinculados da vida do público por ela atendido.

A assertiva de Castro Giovanni (2007, p.42) ao descrever que “nesta primeira década do século XXI a Geografia, mais do que nunca, coloca seres humanos no centro das preocupações pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões”. Por isso, vem nos subsidiar nesse processo de análise, pois acreditamos que as diversidades presentes em nossas escolas, entre os distintos grupos, como de gênero e religiosos, permitem-nos promover uma interatividade entre as diversas formas de pensar, onde a heterogeneidade e especificidade de cada um sejam respeitadas.

Destarte, pressupomos que o educador deve se atentar para as singularidades de cada grupo, de maneira que possa promover a exposição e o debate, de forma que as “diferenças” presentes no espaço educativo sejam respeitadas e valorizadas ao invés de padronizar o ensino ignorando as peculiaridades em nome de uma pseudoigualdade que muitas vezes suprime a oportunidade do educando se ver representado em um espaço que deveria lhe garantir voz e vez.

Conforme planejado, solicitamos aos discentes que falassem um pouco de suas comunidades e respondessem às seguintes questões: Quais as vantagens e desvantagens do lugar onde residem e como vocês podem contribuir, enquanto agentes sociais, para a melhoria das suas localidades?

As respostas acabaram exigindo que esclarecêssemos alguns conceitos que de forma concisa buscamos expor, como os conceitos de rural e urbano, campo e cidade, antes de adentrarmos nas questões levantadas.

Wanderley (2001) sustenta que o rural é um modo de vida por meio do qual os indivíduos enxergam a si mesmos e o mundo à sua volta. A autora reflete sobre a ideia de “mundo rural”, um universo que não é isolado, mas que carrega especificidades buscadas através da história, acreditando no rural como formação sócio histórica concreta. Rural e urbano são qualidades das relações sociais e, por isso, trata-se de rural e urbano no local e não “um local como rural ou urbano”.

Pressupomos que uma consciência crítica seja parte essencial para o exercício da cidadania plena e que ela deve ser moldada com a ajuda da escola, podendo refletir de forma positiva na vida dos alunos e na sociedade. Temos conhecimento de que nem todos os sujeitos que estão em nossas salas de aula

usufruem de uma educação que o conduza a um senso crítico que o permita analisar politicamente a situação em que se encontra, pois muitas vezes nós mesmos, enquanto educadores, deixamos passar despercebido esse olhar crítico de nosso público no que se refere às situações que permeiam nossa sociedade e que acabam por reverberar em nossas salas de aula.

Com relação a primeira questão (Quais as vantagens e desvantagens do lugar onde residem?) selecionamos a resposta que consideramos mais completa e que contém o entendimento das outras respostas:

Morar na zona urbana ajuda aumentar o conhecimento da gente e dos filhos da gente, porque é mais fácil comprar livros e outras coisas da escola, tem mais médicos, tem farmácias, muita coisa para a gente comprar precisa ir em Conquista, porque aqui não tem e quando tem é muito caro, já em compensação, a violência aqui na zona rural ainda é menor, os filhos nossos podem andar mais à vontade, então não é de tudo ruim, nem de tudo bom.(Gato).

Podemos elencar nessa resposta alguns pontos que nos chamaram a atenção: o acesso ao conhecimento, a alguns bens de serviço e, por fim, a segurança. Cremos que a escola não deve ignorar esses fatores pois pesquisas comprovam que essas questões sociais refletem de forma relevante no cotidiano escolar (Santos; Cardoso; Oliveira, 2017). Sabemos que nem todas as pessoas têm acesso a uma educação que de fato responda às suas necessidades; presenciamos ainda grandes falhas em nosso sistema educacional, quando nos referimos ao público nas escolas localizadas na zona rural as dificuldades se apresentam de forma mais latente.

O segundo aspecto - o bem de consumo -, relata dois pontos cruciais: a distância para adquiri-los e o custo quando disponibilizados na localidade onde esses sujeitos vivem. É sabido que nos últimos anos os espaços rurais têm passado por mudanças que interferiram de forma significativa nas distintas relações - micro e macroestruturais -, como desigualdade social e outras adversidades.

Ousamos afirmar que esse processo de interrelações que tem reduzido a distância social e física entre o urbano e o rural tem influenciado também no processo de aquisição de bens de consumo e de serviço, como acentua Brandenburg (2010) que a sociedade ao se modernizar acaba impondo seu ritmo e redefine a vida de uma comunidade, inclusive no processo de consumo. Ao respaldar esse ponto de vista, o autor Bagli (2010, p.7), ressalta: “a lógica expansiva do modo de produção incorporou os espaços mais distantes via consumo”. Nesse cenário, é fato que a inserção no mercado de consumo tem construído hábitos comuns entre os públicos da zona rural e urbana, ainda que os encargos dificultem o acesso a determinados bens.

Sobre o primeiro questionamento “Nenê” responde:

Para mim, mesmo não tendo computador em casa com internet, rua com asfalto, saneamento básico, como água encanada e esgoto, ou um shopping, ainda acho melhor aqui, pois nossa família vive mais sossegada, aqui os meninos ainda pode andar a cavalo, brincar de bicicleta e meus vizinhos são tudo gente boa e todo mundo conhece todo mundo, mesmo de vez em quando acontecendo alguma coisa, mas a violência aqui ainda é menor.

Percebemos que a discente relatou sobre bens de consumo, algumas questões voltadas à infraestrutura e, por fim, a violência. Tais dificuldades ainda atingem a maioria da população brasileira e, de um modo mais contundente, os moradores da zona rural onde o descaso do poder público é mais visível.

Sabemos que vários fatores podem influenciar no processo de ensino-aprendizagem como os aspectos familiares, econômicos, afetivos, psicológicos, assim como as condições de higiene, habitacionais, sanitárias, dentre outras condições fundamentais para a vida do educando, dentro ou fora da escola, haja vista que todas essas situações vividas exercem influência sobre o aprendizado. A esse respeito Leite (2006, p.40-41) assevera que:

[...] as relações vivenciadas externamente repercutem internamente através de atos de pensamento, emoção, sentimentos e estados motivacionais, possibilitando, por exemplo, a constituição de sujeitos seguros (ou não), motivados para enfrentar novas situações e, mesmo, superar desafios e eventuais fracassos.

Sob esse prisma, acreditamos que a escola precisa voltar o seu olhar a essas necessidades e percepções que certamente refletem em seu cotidiano. Sabemos que não cabe puramente às instituições de ensino equacionar determinados problemas, todavia elas devem se atentar aos interesses de um grupo que espera um sistema que tenha compromisso com o homem concreto, com a sua libertação e a sua humanização.

A resposta abaixo selecionada não se distancia muito das anteriores, exceto no que refere ao lazer e à qualidade de vida:

Depende muito de como você vê as coisas. Na zona rural é muito bom pela paz, tem a natureza a seu alcance. Todo dia a gente vê galinha, vaca, porco, para quem gosta de animal, como eu gosto é bom. Lá onde a gente mora tem mais harmonia e qualidade de vida, o problema é que tem poucas opções de diversão, como na cidade no fim de semana, quando não tem alguma festa de casamento ou aniversário a gente vai para o boteco tomar uma, ou vai para igreja, mesmo quando vai pro campo ou para igreja, na volta toma uma no boteco (Chico Caixão).

Notamos que tanto os problemas como os benefícios que anteriormente eram próprios da zona urbana se encontram hoje, também, nas áreas rurais, ressaltando que a ausência de políticas públicas é bem mais latente nas áreas afastadas dos grandes centros, cuja consequência apresenta-se de forma saliente nas questões elencadas por nosso colaborador: saneamento básico, saúde, dentre outros benefícios que garantem uma qualidade de vida a todos, independentemente do espaço onde cada sujeito reside.

Levando em consideração que a escola deve estar coadunada com os anseios de seus estudantes cabe a ela pensar uma proposta de educação cidadã que valorize a participação dos sujeitos, um olhar político pedagógico que não seja desassociado da realidade a qual o educando está inserido.

Creemos ser necessário que todos os envolvidos adotem uma prática pedagógica que vá além da transmissão de um conteúdo programático, assim como a participação dos pais, deve ser vista além do processo de provisão, como

moradia, alimentação, entre outras coisas necessárias à subsistência. Nessa perspectiva, a escola deve instigar a participação das famílias ou responsáveis pelos discentes no cotidiano escolar, bem como dialogar com eles, a respeito das atividades realizadas pela instituição, mostrando-se aberta a sugestões que possam melhorar o desempenho dos trabalhos desenvolvidos no processo de educação e formação de sujeitos críticos e criativos que tenham condições de exercer sua cidadania de forma plena, participando dos processos de transformação e construção da realidade.

A trilha percorrida

Acreditamos que a Literatura de Cordel, com sua linguagem simples, pode se apresentar como socializadora de saberes, propiciar aos discentes uma identificação com as situações que permeiam sua rotina ou outras situações do dia a dia, criando um ambiente que faculte uma interação entre a escola e a vida, bem como com a leitura e a escrita.

Os autores estudados permitiram-nos refletir que a literatura cordelística contribui no processo de ensino e aprendizagem para turmas de EJA, haja vista que além de sua essência cultural, relata tradições regionais, detém uma versatilidade que permite ao discente conhecer histórias com características diversas como sátiras, aventuras de cavaleiros medievais, lendas folclóricas, acontecimentos políticos, dentre outros temas, reais ou fictícios, assegurando recriação de significados, levando em consideração não só os problemas e especificidades da EJA mas também a versatilidade do cordel.

Os resultados da nossa pesquisa nos permitem afirmar que a utilização dessa modalidade literária pode contribuir para a construção de uma metodologia que vise um aprendizado significativo, que valorize as culturas e experiências que permeiam os espaços educacionais, entendendo que o processo de educação não pode ser visto como passivo, por envolver sujeitos diversos, tanto educandos como educadores de realidades distintas, respeitando essa diversidade.

Este artigo permite-nos comprovar o quanto o uso da literatura de cordel como instrumento de mediação no processo de letramento desperta o interesse dos educandos no que se refere às questões referentes a vida escolar, bem como dos espaços não formais de aprendizagem.

Ainda é incipiente a quantidade de trabalhos pedagógicos desenvolvidos sobre a literatura supracitada. Quando esta é apresentada pelo professor de Língua Portuguesa, discorrendo sobre as variedades linguísticas, ou na época de folclore, em ambos os casos acaba por minimizar o potencial que o folheto tem de subsidiar as múltiplas questões voltadas aos aspectos relacionados a vida de um povo, além de contribuir para a preservação da identidade cultural do público atendido por nossas escolas, encurtando, assim, a distância entre o sujeito leitor e o texto, e valorizando os saberes que os educandos trazem ao adentrarem nas salas de aula. Diante disso, presumimos que a Literatura de Cordel pode se tornar instrumento potencializador de formação de leitores, bem como contribuir para a preservação da cultura, da língua e da identidade dos discentes atendidos pela EJA.

Referências

- Alves, R. M. (2008). Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. *Revista Fórum Identidades*. Ano 2, vol. 4, p. 103-109.
- Ausubel, D. P. (2000). *The acquisition and retention of knowledge: a cognitive view*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Bagli, P. (2010). Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: Sposito, M. E. B.; Whitackher, A. M. (Org.). *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão popular. p. 81-109.
- Bakhtin, M. M. (1992). Volochinov, V. N. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes. p. 277-326.
- Bakhtin, M. M. (2000). *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão; revisão de tradução de Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes
- Bastos, R. (1995). *Ciências humanas e complexidades: projetos, métodos e técnicas de pesquisa: o caos, a nova ciência*/ Rogério Lustosa Bastos. - 2.ed. - Rio de Janeiro
- Barroso, J. O. (2006). Estado e a educação: a regulação transnacional, a regulação nacional e a regulação local. In: Barroso, J. (Org.). *A regulação das políticas públicas de educação: espaços, dinâmicas e atores*. Lisboa: Educa.
- Bittencourt, C. (2004). Em foco: História, produção e memória do livro didático. *Educação e Pesquisa* – Revista da Faculdade de Educação da USP. São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 30, nº 3, p. 564- 565.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1982). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brandenburg, Alfio. (2010). *Do rural tradicional ao rural socioambiental*. Ambiente & Sociedade, Campinas, v. 13, n. 2, p. 417-428, jul./dez.,
- Brasil. (1997) *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, Ética/Meio Ambiente*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. (2001). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Trabalhando com educação de jovens e adultos: alunos e alunas de EJA*. Brasília: MEC/SEF,

Brasil. (2001). *Ministério da Educação. Secretária da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação*. Língua Portuguesa. 3. ed., Brasília.

Brasil. (2002). Ministério da Educação - MEC, Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias*. Brasília

Brasil. (2007). MEC/SETEC. *Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos: Formação Inicial e Continuada/Ensino Fundamental*. Documento Base. Brasília.

Brasil. Ministério. Público do Estado da Bahia *Projeto Eco Kids-Eco teens*.

Disponível em:

https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/projetos/documentos/ficha_tecnica_projeto_eco_kids_eco_teens.pdf. Acesso em: 10/12/2019.

Buttimer, A. (1985). Campo de Movimento y sentido del lugar. In: Ramón, M. D. G. (org.) *Teoria y Método em la Geografía Anglosajona*. Barcelona, Ariel.
Castro Giovanni, A. C. (2007). Kaercher, N. A. *Geografía*. Porto Alegre: Artmed.

Cosson, Paulino, G. (2009). Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: Zilberman, R. R., Tania M. K. (Org.). *Escola e leitura: velhas crises, novas alternativas*. São Paulo: Global, p. 61-78.

Dias, G. F. (2004). *Educação ambiental: princípios e práticas*. 9 ed. São Paulo: Gaia.

Diegues, JR. M. (1977). *Literatura de cordel*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.

Dolz, J. S. B. (2004). Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: Schneuwly, B. Dolz, J. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. [Tradução e organização: Roxane R. e Gláís S. C. Campinas-SP: Mercado de Letras.

Fazenda I. C. (Org.), (2002). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 3. ed. São Paulo: Cortez.

Fazenda I. C. (2015). *Interdisciplinaridade: pensar. Pesquisar e intervir*. São Paulo: Cortez,

Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Freire, P.. (2002). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 148 p
- Galvão, A.M.de O. (2002). *Oralidade, Memória e a Mediação do Outro: Práticas de Letramento Entre Sujeitos com Baixos Níveis de Escolarização - o Caso do Cordel (1930- 1950)*. 81. ed. Campinas: Educ. Soc., 2001. p.115-142. recuperado em m: 22 out. 2017,de <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13934.pdf>
- Galvão, A.M.de O. (2005). *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gil, A.C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil.
- Kemmis, S.; Mctaggart, R. (1988). *Como planificar la investigación-acción*. Barcelona: Editorial Alertes.
- Leite, S. A. da S. (2006). *Afetividade e práticas pedagógicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lüdke, M.; André, M. (1986) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Marinho, A. C.; Pinheiro, H. (2012). *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez.
- Pinheiro, H. (2008). *Leitura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos*. In: *Literatura e formação de leitores*. Campina Grande: Bagagem p.15-27.
- Santos, L.L.C.P. Pluralidade de saberes em processos educativos. In: Candau, V. M. (Org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.São Paulo: Cortez, 2008.
- Santos, A. R. dos.; Cardoso, E. A. M.; Oliveira, N. B. (2017). Os impactos do PAR nos municípios de Vitória da Conquista, Ilhéus e Itabuna (2013 – 2017). *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 26, p. 110-139, ISSN: 2178-2679. set./dez.
- Tfouni, L. V. (1995). *Letramento e Alfabetização*. São Paulo: Cortez.
- Viana, A. (2009). *Acorda Cordel em sala de aula*. Fortaleza: Ed. Tupynanquim.
- Vigotsky, L. S. (2007). *A Formação Social da mente*. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes

Wanderley, M. de N. B. (2001). *A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural*. In: Giarracca, N. (Org.). *Una nueva ruralidad em America Latina?* Buenos Aires, p. 31-44.